

QUINTA-FEIRA
Lisboa-- 6 de Dezembro--1928

5 OTOES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre **133**
fiVe semanário humorístico



Propriedade
ASSENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

A HOMENAGEM A ALFREDO SOARES



Alfredo Soares, homem tão notavel, que até em vida foi para os Jeronimas, deixou a Casa Pia, onde, de aluno a director, a sua passagem ficou brilhantemente assinalada. Se a Casa Pia chora a saída de Alfredo Soares, todos os seus amigos rejubilam por tê-lo agora aqui á mão, em pleno Chiado, para o abraçarem com o carinho a que tem direito a sua alma, mais doce que um pastel de Belem.



Os ditos da semana



Teatros condenados

A sentença lavrada contra os teatros de Lisboa começou já a produzir os seus efeitos.

Toda essa gente que até agora frequentava os teatros, sem preocupação alguma, sem pensar sequer que eles podiam incendiar-se, desde que viu nos jornaes a noticia da condenação, começou a vêr chamas por toda a parte, começou a sentir-se em torresmos, como se o relatório da

dos, ameaçando carbonisar as pernas nuas das coristas.

Com a tendencia que tem todo o portuguezinho valente para o atracão, se alguém se lembra, numa noite de espectáculo de gritar —Fogo—bem se pôde abrir de par em par as portas do hospital e da morgue que não se salva ninguém do fogo dos corações.

—E agora, é faltar, vilanagem!

Fogo, verdadeiro fogo, ha- agora mas é nas bilheteiras.

a primeira vez que acontece a um principe não ter camisa para ir a um baile, mas é com certeza a primeira vez que um *chauffeur* empresta a camisa a um principe.

Depois de vestida, aquela camisa não saberia dizer se subiu ou desceu; não daria mesmo conta, por ventura, de que estava cobrindo uma das maiores figuras da Terra e é essa a sua superioridade sobre o principe de Galles, porque esse é que não poderia esquecer-se, nem por um momento, de que se tinha metido numa camisa de onze varas.

Apezar de irmanados pela mesma camisa, até o ponto de se confundirem ambos com aquele capitão-mór, de que reza a historia, que fazia o

rol da roupa escrevendo—camisas minhas e do meu camarada, uma—continuava a separa-los uma distancia enorme, mantinha-se a mesma desigualdade de sempre.

O *chauffeur*, porém não poderia pagar-se na mesma moeda, pedindo ao principe o sceptro e a corôa para reinar um bocado aos reis...



A camisa

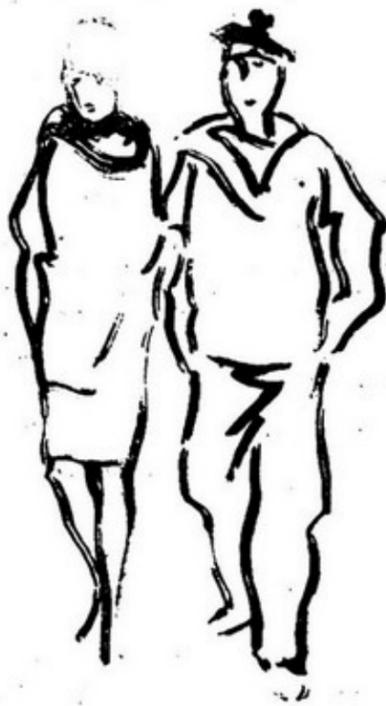
Para assistir a um baile, o Principe de Galles teve de pedir uma camisa emprestada ao seu *chauffeur*.

Pôde ser que não seja esta

Questão de linguas

comissão encarregada da victoria fosse um rastilho e os jornaes que deram a noticia uma lata de petroleo com torcida e tudo, já preparada para a explosão. E, como o perigo era grande, vá de abandonar os teatros. Houve até quem desistisse de lugares que já estavam marcados, naturalmente na convicção de que o incendio tinha hora marcada, e programa como o proprio espectáculo.

Até aqui ninguém viu o perigo. Quem ia aos teatros, ia para vêr as artistas ou as espectadoras e quanto a fogo, só o fogo dos corações cujas labaredas ás vezes se viam sair de alguns olhos incendia-



— Como te entendes tu com ele se não sabes uma palavra de francez!
— Eu sei qualquer coisa e depois, com francezes, nunca ha dificuldades

Filho de peixe

De Tomaz Ribeiro Colaço recebemos uma carta acerca do nosso eco de ha dias intitulado «Filho de peixe, neto de peixe» que gostosamente



publicaremos no proximo numero. O peixe filho ou o peixe neto não perde com a demora.

Marinheiros

A França enviou-nos uma embaixada naval e enviou-nos ao mesmo tempo uma embaixada de maritimos.

A embaixada naval eram os navios. A embaixada maritima os marinheiros, que, uns e outros, se portaram como o que eram. Alguns balançavam. Tudo questão de liquidos e a caracter.

FUMEE SUNRIPE



TEATRO

«RETROZ PRETO...»

O acontecimento da semana foi o resultado da vistoria aos teatros!... Não se falou noutra coisa! A crise, já de si grande, ia aumentar... Vistoriam-se dramas! Mais de 100 famílias vivem do E. T. Eram mais 100 famílias a braços com a fome! Reconsiderou-se. Ainda bem! Nem outra coisa era de esperar! O mal ha de remediar-se pouco a pouco.

Servirá de lição aos empregarios e aos artistas este susto? Unir-se-hão mais e trabalharão para o unico fim: proporcionar ao publico boas peças a bons conjuntos? Depois... deixem dizer que ha crise...

Acreditem — os artistas necessitam, tambem, duma vistoria, e feita por peritos!

Muitos, que já teem idade, reformavam-se e os outros voltavam á primitiva... Era tão bom!... Ficavam livres de alguns canastrões. Folgavam os empregarios e folgava, principalmente, o publico... O publico; que é a eterna vítima!... Façam, façam uma vistoria... que é bem precisa!...

A concorrência aos teatros era já pouca! Agora, então, com o receio dum incendio — genero «Novidades» de Madrid — ainda tem diminuido mais. Ainda ha quem acredite em repetições... Repetições nem na roleta!... Já foi tempo!

■ ■ ■

A caça á borla é cada vez maior! Invocam-se velhas amizades... antigos conhecimentos... e aí estamos nós cravados a pedir ao empregario amigo um camarote! Quando terá fim a borla — quasi instituição nacional?

Ha publico que só de graça vai ao teatro. Quantas vezes é este mesmo que diz mal! Conhecemos tantos casos...

As pessoas que pedem o bilhete de favor devem lembrar-se de que o pobre artista ganha — e ganha para comer! Se o empregario não vá entrar dinheiro na bilheteira, como ha de pagar aos contratados? Quando haverá vergonha de pedir bilhetes de graça?

O eterno argumento do borlista: — Ainda faço favor em lá ir — a casa está sempre vazia!

Onde chega o descaramento! E o que é doloroso é que, muitas vezes, aquele que pode pagar, aquele que pode ajudar o artista, aquele a quem não fazem falta os 15 mil réis do *fauteuil*, é o que mais pede... é o que mais se aproveita da borla!

Contou-nos o empregario L. P. que, um dia, precisou de comprar um chapéu. Foi a determinado chapeleiro e comprou um, que lhe custou 70 mil réis. Regateou, mas o comerciante a nada se moveu. Pagou e saiu. A' noite, o acaso quiz que o dito empregario estivesse na bilheteira a fiscalizar a venda. Entre as pessoas que apareceram com requisições de jornais surgiu o chapeleiro. O L. P. volta-se para ele e diz-lhe:

— Esta tarde estive na sua loja e comprei um chapéu, que paguei, não é verdade? Pois bem, no meu teatro, se quizer entrar, tambem pague!

— Mas eu tenho este bilhete do jornal...

— Tenha o que tiver... De borla não entra... Que eu preste favores a quem m'os faz... está certo!... Mas a você... a quem paguei, isso nunca!

E o comerciante não entrou!

■ ■ ■

ABRIU o T. A. Não foi sem tempo! Prolongado entroito! Deus permita que a peça se demore no cartaz tanto tempo como levou a ensaiar! Já era uma compensação!

■ ■ ■

O A. da C. lá está todas as noites a cançar-se... a envelhecer! Eles já



Afinal o R. C. sempre arranjou uma boa companhia... Nem tudo é «Fiasco»...

dizem que tem mais de 45 anos, quando o pobre ainda vai nos 39!... Vale a pena ter esse trabalho? O publico reconhece-o?

Infelizmente, não! Mal empregado tempo! E' verdadeiramente triste tanto esforço... tanta boa-vontade!...

Ao mesmo tempo que o T. N. regista meias casas, terços de casas, ha vizinhos que, mandando passear a arte e dizendo no palco as maiores

baboseiras e indecências, veem bichas e bichas na bilheteira, todas as noites!... O espectador que gosta de teatro não tem dinheiro... e o que o tem... só gosta de cambalhotas!... Está certo! E' sinal dos tempos...

■ ■ ■

O BRASIL e as ilhas! E' rara a companhia que não tem o projecto de ir



— V. Ex.ª fica sendo a directora dos armazens de vendas... por grosso...

até lá! Só em Abril e Maio, ouvimos dizer que vão ás ilhas as seguintes:

Companhia L. S.—E. B.
Companhia B. B.—A. da C.
Companhia H. L.
Companhia P. B.—A. A.
Companhia S. R.

Qual delas chegará lá primeiro?

■ ■ ■

E' RARA a peça de teatro francês que não foi aproveitada para *film*. Todos os dias aparecem nos nossos *ecrans* exemplos disso! Mudam-lhe os titulos e pronto! Donde se conclue que o cinema está a viver á custa do teatro!... Porque não se ha de fazer o contrario em relação ás receitas: fazer com que os teatros — alguns — vivam á custa dos cinemas?...

■ ■ ■

AGORA por cinema...

Um conhecido empregario teatral que ha tempos transformou a sua casa de espectaculos em cinema dizia, contente:

— Ao menos estes artistas não mettem *vales*! Estão lá em cima, na *lata*... caladinhos que é uma beleza!

Retorquiu-lhe um velho artista: — *Lata... lata* teem ou outros — os que falam!

— Esses não teem *lata*... teem *lata* que chega para enganar meio mundo!...

■ ■ ■

MUDOU de casa o G. dos A. Mudou de casa a S. dos A. e C. P.!

Autores e artistas vivem sempre juntos!... E imitam sempre uns o que os outros fazem! São tão amigos e é tão bonito isso! Agora até mudam de casa ao mesmo tempo!

Coincidencia curiosa! Uns foram para o Tejal e os outros subiram a Madalena... Ambos se elevaram!... Foram para mais alto!... De cima veem-se as coisas melhor!...

■ ■ ■

TRINTA artistas entram na peça «A. G...» Trinta, nada menos!

Não serão artistas a mais para um teatro tão pequeno? Que responda a folha da companhia...

■ ■ ■

OBRAS nos teatros... Vão começar! Ainda bem!... Diz-se que uma das primeiras obras que realizam é meter «chauffage»... para o publico não ter frio!

Já repararam que se *gela* nos nossos teatros? Os artistas entram *gelados* no palco... o publico assiste *gelado* ao espectáculo, que muitas vezes é *gelado* e o empregario tem quasi sempre *geladas* as algibeiras...

■ ■ ■

LÁ temos novmente no C. dos R. a companhia de circo. Todas as novidades possíveis! Ha, no entanto, um numero que tem dado sensação! Os chimpanzês amestrados são um prodigio! Vestem-se, despem-se, bebem, fumam... Alguns dos nossos artistas tinham ali muito que aprender... O R. C. devia abrir um curso!... E' um conselho que aqui fica e que esperamos seja aceite!...

A companhia é excelente, como excelente é aquela mulher que dança na pista...

Somos dos que gostamos dos espectaculos de circo. Fazem passar o tempo e distraem a atenção com a variedade de numeros...

O boneco de Stuart dá bem a ideia do que seja a companhia...

O Homem das 5 horas

FUMI SUNRIPE

TRAGEDIAS DA VIDA

O esfomeado filósofo

O pobre diabo desempregara-se. Celibatório e sem família, vivendo num quarto alugado — encontrou-se um belo dia com cinquenta centavos, ao todo, na algibeira.

Saiu, meio apatetado e dirigiu-se a um talho próximo.

— «Eu queria cinco tostões de carne; mas nem mais um vintem!...»

— «Cinco tostões de carne! — exclamou o carneiro. — Eu não faço cinco tostões de carne... E daí... talvez lhe possa arranjar cinco tostões disto...»

E mostrava-lhe um bocado de chaminão, balouçando-se dum gancho.

— «E é bom?»

— «Excelente!» — exclamou o outro, que já partira um bocado e embulhara num papel amarelo.

«Mas é preciso sabê-lo cosinhar! — e explicou-lhe uma receita em que entravam: toucinho e cebolas e alho e pimenta e meio decilitro de vinho branco...»

O pobre diabo ia repetindo em voz alta os condimentos — com água na boca.

Saiu, para ficar, mais adiante, extasiado perante a montra duma mercearia. E, enquanto ele considerava platonicamente as diversas coisas que compraria... se tivesse dinheiro — um cão, um cão grande e vadio, atraído pelo cheiro e pela vista da carne fresca e mal embulhada, aproximou-se, agarrou a presa com a dentuça e fugiu.

O pobre diabo mal teve tempo de se voltar para vêr o seu almoço fugir — a quatro pés...

Juntou-se gente. Uns riam. Outros lastimavam-no.

O pobre diabo, resignado, encolheu os ombros:

— «Ora, deixá-lo! O roubado é ele! Não sabe como é que a ha de cosinhar!»

Sortes grandes
só o PINA se vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

EM

1917



Riso amarelo

A Patti

Vocês não se lembram da Patti, da grande Adelina Patti, grande como a Sarah do Silva Pinto!

Mas os nossos avós, sim. E, se os querem divertir com gratas recordações, contem-lhes estas coisas que da prodigiosa cantora se lêem num diário recente.

* * *

Um cavalheiro espanhol que, há alguns anos, tomava as águas de Carlsbad viu passar pelos jardins do balneario certa velhinha, ainda bem conservada, que atraía a atenção dos passeantes.

— E' Adelina Patti — disseram-lhe. Aproximou-se o espanhol da dama e, desculpando-se pela falta de apresentação, falou-lhe assim:

— Sou espanhol, madrileno como V. Ex., e quero ter a honra de saudar a minha ilustre compatriota.

Olhou-o ela com certo desprezo e respondeu:

— Engana-se. Sou italiana.

— Mas não nasceu em Madrid?

— Isso não significa nada. Nasce-se onde o acaso dispõe. Se alguém teve a desgraça de nascer numa cavaliça, podemos, por isso, chamar-lhe cavalo?

E, deixando o seu interlocutor boquiaberto, continuou o seu passeio, impertérta...

* * *

Mas o grande Berlioz vingou os madrilenos. Não era o genial compositor dos admiradores da cantora e ela, que o sabia, quiz atraí-lo pedindo-lhe um autógrafo para o seu album famoso.

Berlioz defendia-se sempre. Até que um dia não teve mais remedio.

— De hoje não passa, maestro. Aqui está o album. Dê-me o seu autógrafo e, em justa reciprocidade, ofereço-lhe um premio á escolha: um canção cantada por mim e só para si, pondo eu nela toda a alma, ou um pastel de *foie-gras* que me acabam de trazer e deve ser magnifico.

— Vamos! Venha o album! — disse Berlioz, resignado.

Ela via-o escrever e, ao terminar, inquiriu, sorridente:

— E agora?

— Agora, venha o pastel...

Madrid estava vingado.

Mascara dos Dentes d'Ouro

FUMEE SUNRIPE

— Aliados para as batalhas do direito e da justiça



— Que pena esta rapariga não usar as saias curtas...

— A parte alta deve ser esplendida...

— Quem sabe se com habilidade nós conseguiremos vêr-lhe as pernas... As raparigas da aldeia são muito inocentes!...

— Parece impossível que uma rapariga tão bonita use as meias presas com atilhos!

— Eu, atilhos?... Ligas de seda e das mais caras.

— De seda? Nós ao subir vimos bem que eram atilhos e muito fetos.

— Apostamos 20\$00 em como são de seda? Se querem apostar eu mostro.

— Está feita a aposta!

Ela puxando a liga até ao pé sem levantar a saia: — Passem para cá os vinte escudos e pra a outra vez abram mais olhos.

BOM HUMOR

No hospital:
A enfermeira: — Tem 39,5 de temperatura.
O corrector de fundos, distraído: — Quando subir a 40... vendo!

* * *

Maido e mulher:
Ela: — Porque trouxeste á mamã duas pulseiras?
Ele: — Como ela me disse que por uma dava metade da vida...

* * *

Na rua:
— Onde vais tu, correndo dessa maneira?
— Para evitar que dois homens se peguem á pancada.
— Quem são?
— Eu... e o que me vem no encalço...

* * *

Num museu de Paris:
— Aqui tens a estatua do Cupido, deus do Amor!
— Ah, sim! Mas onde é que ela tem a pistola?...

* * *

O medico: — Sente algum mal-estar depois de comer?
O doente: — Sinto, sim, senhor! Quando me apresentam a conta...

* * *

— Minha senhora. Acabam de trazer outra carta anonima.
— Como sabe você isso, Maria?
— Porque não tem assinatura...

* * *

Entre creanças:
Ele: — Já sou um homem. Tenho umas calças compridas como o papá.
Ela: — Então a mamã é uma menina, porque usa as saias curtas como eu...

* * *

No consultorio:
O medico, escrevendo: — Alterações varias. Ataques biliosos. Ticks. Que idade tem, minha senhora?
Ela, que já passou os 40: — Vinte e cinco anos, doutor.
O medico, continuando a escrever: — «Completamente perdida de memoria»...

* * *

Na prisão:
O carcereiro: — O que julgavas tu, meu novato, para te levatares a esta hora da noite?
O preso: — Absolutamente nada. E' o habito de não me deitar sem ver se a porta do quarto está bem fechada...

EM

1928



--- Aliados para as batalhas do amor ...

Elevador da Gloria

O dr. Jacinto discutia com um amigo, duvidando que ele entrasse no céu, em virtude dos seus numerosos e poderosos pecados:

— Garanto-lhe que você não entra. A sua folha corrida está muito negra...

— Deixe-se disso! Já arranjei um truc para penetrar na celeste mansão.

— Duvido.
— Muito simples. Chego a porta do Paraizo e começo a andar: para lá, para cá... para lá, para cá. S. Pedro fica impaciente e dirá: «Avies», homem! Ou entre ou saia!»

* * *

Dois amigos foram ao teatro. Um deles, autentico «unhas de fome», miseravel até ao sabugo disse ao companheiro:

— Não tolero essa historia das gorjetas. A gorjeta é humilhante para quem a recebe e eu não gosto de humilhar ninguém.

Após o espectáculo, o mais liberal viu com surpresa que o «unhas de fome» deu cinco mil réis ao bengaleiro. Já na rua, perguntou-lhe:

— Que liberalidade é essa! Deste uma gorjeta de principio ao bengaleiro?!

— Cala-te, homem! Não viste que sobretudo o homem me deu...

* * *

Ha anos, no Brasil, os jornais noticiaram, com larga escala de pormenores, a morte duma senhora aristocratica e de dinheiro. Como sempre, as opiniões dividiram-se acerca da honorabilidade das pessoas com quem ela convivia. Instantaneo duma conversa:

— Garanto! Ele foi sustentado pela mulher!

— Não digas tal! Isso é uma sordida calunia!

— Pois eu sustento o que disse.

— Mas é falsissimo!

— Estás enganado.

— E quem era essa mulher: a que morren?

— Não! A ama que o amamentou...

* * *

Dois cavalheiros encontram-se, no Jardim da Estrela, numa alameda isolada, onde não se ouvem os patos grasnar nem outros ruidos subtis e moles que os passarinhos deixam cair quando estão empoleirados.

— Queira desculpar... O senhor, ao que me parece, passela sempre só?

— E' verdade! Não ha nada como o isolamento.

— Sou tambem da sua opinião. A melhor coisa que ha é passear sózinho!

— Que coincidencial! Pensamos do mesmo modo. Nesse caso poderemos passear juntos...



— E' um disparate levares o capote e o guarda-chuva com um dia tão bonito.
— Cala-te, mulher; tu não sabes o que fizes. Póde vir a chover...



— Parece-me que já fiz todos os recados. O capote tem-me feito suar e a respeito de chuva nem pinga. Na verdade a mulher tinha razão...



— Vês, dei as voltas sem me molhar...
— Porque não choveu...
— Sim, mas se não levo o capote e o guarda-chuva tinha chovido a ródos.

Teorias dum indifferente

A bom entendedor, cinco coros bastam.

As mulheres não são tão feias como se pintam.

Mais vale dois passaros a voar que um passarão ao pé.

Quem dá o que tem, tarde ou nunca se endireita...

A primeira coisa que um homem deve fazer para viver com sinceridade é deixar de ser sincero.

Todo o homem que diz que conhece uma mulher a fundo passa a conhecer exactamente o tamanho do trabalho que o espera...

Se teu filho for futebolista, não consintas que ele receba um centavo da Associação. E' ganhar a vida com o suor dos pés...

Uma mulher, quando nos deixa, fica-nos sempre agradecendo por esse facto. E' assim que se explicam certas reconquistas no nosso tempo.

A melhor maneira de não pensar numa mulher é fartarmo-nos dela.

E' difícil convencer um apaixonado de que a pior coisa que poderia acontecer para a sua paixão era a mulher dizer que... sim.

A um menino e a um borracho tarde ou nunca se endireita.

Diz-me com quem andas, dir-te-hão as muitas que pagas...

Quanto mais conheço as mulheres, mais gosto das raparigas.

Armando Batista



Sempre é certo que o seu concerto marcado com acerto e com certo tempo de antecedência para o dia 8, no Teatro de S. João, do Porto, se realisa no dia certo para que foi anunciado.

TAC-TAC-TAC

O AMIGO BERIBOSA

Balzac — aquele colega francês que escreveu a «Comédia Humana» — escreve num conto, a propósito dum dos seus personagens: «Marcás! Já repararam na influencia que certos nomes exercem sobre quem os usa?!...»

Este Beribosa trazia no seu nome o seu destino. Menos que meão, balxi-nho e jaqueira, parecia que fôra atacado por aquela doença terrível em que a primeira metade do seu nome se repete — o *beri-beri*. Chegava sempre derreado, sacudindo a cabeça em gestos desolados, a voz entrecortada pela respiração anciosa, e sempre dando a impressão de que lhe sucedera uma grave tragedia.

— Que foi que aconteceu, Beribosa? E ele, todo se retorcendo como quem sofre de pontadas:

— Ora deixa-me cá. Sabes lá o que me succede. Calcula que Fulano, que tem por mim uma grande consideração, encomendou-me um trabalho importante. Como estava precisado, fui logo comprar estas *palhetas*, para pagar hoje. Mas o meu homem foi para o Porto e eu tenho aqui só dez tostões. Como é que hei de eu pagar ao sapateiro e dar dinheiro em casa, e almoçar?... Eu parece que enlouqueço...

E quasi sem transição:

— Aquele X sempre me saiu um canalha! Imagina que fui eu que o fiz. Comigo é que ele aprendeu a fazer alguma coisa de jeito. Pois agora corta-me todas as vazas que eu tinha para ganhar alguma coisa. Sabes que esse tipo não tem talento nenhum... E se a gente fôsse almoçar, aí, a qualquer parte, uma posta de bacalhau assado? Ah, esquecia-me dizer-te que já não escrevo para o *Nunca Firme*. Também a unica pessoa que lá escrevia com graça era eu... e tu, ás vezes... Até já tenho tudo combinado para lançar um jornal daquele genero, mas obra asseada. E' o *Sempre em pé*. Conto contigo. Vamos ganhar um dinheiro! Tens algum dinheiro?

— Tenho aqui algum, pouco.
— Bem. Vemas almoçar e então te contarei o grande projecto que tenho agora.

E assim foi que, naquella dia, eu lhe ouvi contar a singular historia que ora abaixo repito.

Fôra a casa de Beribosa um sujeito encomendar-lhe uma pequena obra de escultura, arte esta de que Beribosa era atlado cultor. Seria um pequeno busto moldado em barro que deveria parecer-se o mais possivel com o retrato duma donzela que o freguês nesse momento lhe entregara. Era urgente a encomenda, porque, conforme lhe declarou, era o busto destinado a uma prima que dentro de três dias fazia anos.

Ficou tudo muito bem combinado

e Beribosa recebeu trinta escudos por conta.

Logo começou a trabalhar no busto da donzela com afan e alegria.

Mas, chegada a hora do jantar, reconhecendo que não tinha em casa de que reabasteceu seu estomago, interrompeu o trabalho e foi-se até á Feira petiscar. Ora trinta escudos é dinheiro e Beribosa tinha, como hoje tem, a pécha da gulodice. Comeu, pois, á tripa fôrta e, como nem só de solidos vive o homem, bebeu-lhe com afinco um palhete admiravel que ele ali descobrira no *Retiro do Zé das Brôas*.

Tanto bebeu até que de todo perdeu a tramontana.

Quando, por volta das 3 da madrugada, recolhia a casa, lembrou-se do trabalho encetado e, sacudindo os membros lassos, retomou a tarefa.

As mãos tremiam-lhe um pouco; a luz do petroleo, a que trabalhava, fazia-lhe mal á vista; a sala, de que fizera *atelier*, parecia-lhe que andava á roda... Mas Beribosa, trabalhador incansavel, continuava esculpindo e modelando, com inspiração semelhante á de Miguel Angelo ao conceber o seu Moysés.

A paginas tantas, embrulhou-se-lhe mais a imaginação. Mas, pouco mais faltava para terminar a sua obra... Mais um pequeno esforço! Pronto; está acabado.

E, cobrindo cuidadosamente o busto, envolveu-o em um pano, depois num papel fino de seda, depois num grande jornal. Atou-o com cordel e foi-se deitar.

No outro dia, o freguês voltou apressado pelo busto. Não tinha tempo a perder. Beribosa, estremunhado, entregou-lhe o embrulho e recebeu os restantes vinte escudos do contrato.

A' noite, quando, vagaroso, saia de casa para o *jantarsinho*, foi abordado pelo freguês do busto, que insolentemente o chamou:

— Seu Bisborrias! Seu bêbedo!
— Ora essa, meu amigo! — exclamou Beribosa. — Então o senhor insulta-me assim dessa forma?!
— Você julga que brinca comigo, mas engana-se!

E, dizendo isto, o freguês arremete com Beribosa e prêga-lhe uma sova que o deixou em lençois de vinho.

— Neste estado! — dizia Barbosa, mostrando que mal podia levantar o braço esquerdo.

— Homem, mas porque diabo te deu o freguês uma sova? — perguntei admirado.

— Só ontem é que o soube. Na febre da produção daquela maldita noite do *palhete do Zé das Brôas*, eu, não sei como, tinha posto bigodes e suissas na cara da donzela que esculpia.

Cirano de Velhoiras.



— O que ele tem são bezigas doidas!
— Será necessario mandal-o para o Telhal?

Um domingo em familia

A's 9 horas da manhã, o sr. Freitas levanta-se e logo começa reclamando o seu banho, pois faz oito dias que tomou o ultimo.

Acodem sua mulher, sua criada e o pessoal menor e vacinado, composto de seu filho, joven de 16 anos, que fuma nas ruas de pouco movimento, e sua filha — a Bibi.

A's 10 horas, tudo está a pé e mais ou menos limpo. Começa o dia com uma caçada aos carnívoros das camas. Uma hora depois, a familia, estafada, constata que todas as feras estão mortas, excepto a sogra que, por ser um grande passarão, não aparece quando é permitida a caça. A pobre senhora lá tem as suas razões. Tem medo dum entusiasmo do genero.

A's 11 horas, dispõem-se para descançar. Impossivel. Teem que mudar os moveis da saleta, em estilo difuso, para o quarto da Bibi, passando a Bibi para a saleta, que tem janela para a rua, porque emfim a pequena sempre gosta de namorar.

Nova estafa. A Bibi aproveita a ocasião para chorar: o papá abriu por distração a gaveta dos restos mortais de alguns namoros. A mudança, que pôs todos a suar, está pronta e, como se sentisse um cheiro a suor, a «madame» Freitas comenta:

— Não sei porque esta gente toma banho!

— Vamos para a mesa! — grita alegremente o sr. Freitas, esfregando um pé que por esquecimento ficara debaixo dum pé do guarda-fato.

Depois do almoço, enxotar as moscas. Parece uma casa de doidos. Todo o pessoal, munido de guardanapos, começa uma nova caça. Deixa-se uma janela aberta e o sr. Freitas dá lições de tactica:

— Vá. Enxota essas. Assim, não! Para a janela! Leva-as para a janela!

O petiz, esse anda entusiasmadissimo, num gesto largo, para desmanchar uma companhia de transportes em comum de duas moscas. Erra o calculo e assenta o guardanapo nas ventas do pai.

A's 4 horas, a mamã sai com a Bibi. Vão ver o namoro da filha. O rapazinho foi fumar para as ruas de pouco movimento — não apareça o pai que lhe dê alguma galheta para o tabaco.

O sr. Freitas, só, resolve concertar uns bancos de cosinha que não tem as pernas todas. Minutos depois, martelava furiosamente, mas, de repente, sem saber como, o martelo toma conhecimento, duma forma um pouco violenta, com os dedos.

Enfurece-se, berra, diz alguns palavões, recordações da mocidade. E quando, ás 6 horas, chega o Velho, para jogarem as damas, encontra-o com uma mesa ás costas, suando por todos os póros.

— O' homem, ó Freitas, então o que é esta mudança?

— Nada de extraordinario. Compreendes: é o meu dia de descanso.

P. S. — Vim a saber que nunca trabalhou tanto na reparição

Carlos de Campos



— Se a mão não me dá o TUBBY como mandou o medico, juro que não vou ao collegio.

FUMES SUNRIPE



O que se diz e o que se não deve dizer

O desporto e o arbitro soberano

Graves acontecimentos se desenvolveram no *National Sporting Club* de Londres. Após o combate Steward-Vinez, o arbitro que deu o *match* como nulo foi criticado pela assistência — diz o *Daily Mail*...

Não julguem, porém, que estas criticas tiveram a veemencia das que se costumam ouvir no Coliseu. A assistência do *National Sporting Club* limitou-se a dizer ao arbitro que ele não era um *sportsman*!

Velha Inglaterra de Mister Pickwick! Apesar de todos os progressos, o espirito não mudou.

— «Que disse V. ao seu empregado que lhe raptou a filha, roubou o dinheiro e incendiou a casa, matando-lhe os pais?»

— Disse-lhe que não se tinha comportado como um *gentleman*»

...

O incidente de Londres demonstra também que é necessário modificar a organização dos combates de *box*. É preciso renunciar ao principio do arbitro unico — sobrevivencia da monarchia absoluta.

No mundo inteiro reúnem Assembleias, Conselhos, Comitês, Comissões — para tomar uma decisão. Do Equador aos Polos, são precisos 10, 15, 100 para julgar, punir, resolver.

O desporto não adopta este método. Conserva o costume barbaresco e autocrático do arbitro soberano.

Este arbitro, no *box*, está fingidamente ladeado de juizes. Mas ninguém tem illusões sobre o pouco importante papel que desempenham esses personagens honoríficos.

Ha que transportar o juri, mas a valer, dos tribunais para os combates de *box*.

O «shoot» alfacinha subiu mais um furo



... furando as rédes "franciús,"

Após o combate, redigir-se hiam os quesitos e o juri fechar-se hia para deliberar.

Conservar-se hia reunido, segundo o costume, quatro ou cinco horas.

Quando voltasse á sala, já ao nascer do sol, os espectadores ler-se hiam retirado ha muito. E assim, a leitura da decisão não daria lugar ao escandalo fleugmatico do *National Sporting Club* de Londres.

Um jornal belga descreve o novo paquete *Albertville*:

«Em volta do salão, um friso bistré, com oito quadros do pintor Van Drez. O autor reproduziu neles os desportos antigos. São:

1.º O *discobolo* ou lançamento do disco; 2.º O salto á vara; 3.º O tiro ao arco; 4.º O casamento de Poseidon e *Amphytrite*; etc...

É realmente muito antigo este ultimo desporto. Desporto regional, nacional, internacional... e caseiro...

O senhor ministro do Brasil em Paris, instituiu um premio de 15.000 escudos para o primeiro jornalista francês que chegar ao Rio de Janeiro num avião francês, ido de Paris...

Diz um periódico parisiense:

«A aviação entra realmente nos nossos costumes. Os premios eram, até agora, de 100.000 ou 50.000 dollars. Já estão em 20.000 francos! Os tempos heroicos acabaram.»

Partilhamos o desgosto do colega. Realmente, 15 contos não chegam para pagar as despesas de tabaco.

Rebolz-A-Bola.

Como se aprende francez

O *Sempre Fixe*, jornal modernissimo, sempre disposto a servir com a melhor das boas vontades o seu milhão e tal de leitores, resolveu abir um curso de francez.

Eis a primeira lição:

Os artigos portuguezes o, a, os, as, em francez variam para l, le, la, les.

Exemplos: *l'homme, le crêdon, la fâque, le livre*.

Como em portuguez, os primeiros verbos a aprender são o *ser* ou *estar* e o *ter* ou *haver*, que em francez se chamam *être* e *avoir*.

Vamos ao indicativo presente:

Verbo *avoir* — *Gé* (eu tenho), *tu ha* (tu tens), *il ha* (ele tem) ou *L ha* (ela tem), *no savom* (nós temos), *vos avé* (vós tendes), *lles om* (eles tem).

Verbo *être* — *Ge suis*, *tu é*, *il é*, *nu çôme*, *vos éte*, *lles som* (eu sou ou estou, tu és, etc., etc.)

Os francezes nunca dizem que *jo* — dizem sempre *frómage*. A mesa chamam *table*; a cadeira, *xése*; ao lapis, *crêcom*; a manteiga, *bârre*; a mulher, *fâme*; a caneta, *plume*; ao tinteiro, *ancieré*, etc., etc., etc., porque os francezes teem tantos vocábulos como nós...

Ao homem chamam *hóme*, julga-se que por simpatia para com Mercedes Blasco que, há duzentos anos, publicou o seu livro «Os meus homens».

Mas em francez nunca se diz um *hóme*, diz-se sempre *an hóme* (ter *an hóme*). Nunca se diz uma *fâme*, diz-se sempre *une fâme*; nunca se diz um *cão*, diz-se sempre *an chiá*.

Demos alguns exemplos de frases, com os conhecimentos que os meus meninos já teem com as explicações acima:

Eu tenho um livro — *Gé an livre*.

(Quando o livro é nosso, quer dizer, meu, diz-se: *Gé an livre-me*...)

Tu tens o tinteiro — *Tu ha l'ancieré*; ela tem um queijo bom — *L ha en hoim frómage* (o francez simplificou o pronome *ela* e, assim, escreve apenas *L* — o que, aliás, é duma grande utilidade, tanta, que o exemplo deveria ser seguido por nós, portuguezes, que escrevendo *L a*, poupáramos uma letra).

Sigamos nos exemplos:

Nós temos os livros — *Nu savon le livre* (tal qual como a frase acima, se o livro é nosso, diz-se: *Nu savon le livre-nos*); vós tendes o lapis — *vos avé le crêcom*; eles teem a cadeira — *lles om la xése*.

Verbo *être*:

Eu sou um homem — *Ge suis an hóme* (Quando se é pequeno, diz-se: *Ge suis an hómesinho*).

Tu és uma mulher — *Tu é une fâ-*

me. (Quando a mulher nos pertence, diz-se: *Tu é une fâme de ge* — Não confundir *une fâme* com *in fâme*).

Ele é um homem — *lles é an hóme*. Porque o francez não pode dizer não senão dizendo *nom*; se, porventura, ha que dizer «Ele não é um homem, é quasi uma mulher» — diz-se *lles nom é an hóme, é casti une fâme*).

Nós somos uns homens — *Nu somçans hómes*.

Vós sois homens — *Vus étes hómes*.

Eles são homens — *lles som hómes*. Na proxima lição, trataremos, entre outras coisas, da formação do feminino, que varia um pouco da forma portuguesa.

Exemplo: *cão* — *cadela*. Em francez: *chiá* — *Xi-n* (*xéne*).

Dr. Grandunças.

ECO DA SEMANA

VAI HAVER TEATRO AO DOMICILIO-
EM VIRTUDE DE FECHAREM ALGUNS TEATROS,



DOR IMPROPRIOS E EM CASO DE INCENDIO, ALGUMAS COMPANHIAS DESOLVERAM IR A CASA DO ESPECTADOR ONDE ESTE COM MUITO MAIS SEGURANCA PODERA ADRECIAR AS MELHORES PEGAS.
QUAL FOI O ROTEIRO DE VASCO DAGAMA?
POR CAUSA DISTO VAO DIZER AS ULTIMAS UM AO OUTRO O DR. MARIA RODRIGUES E O AZE GAGO

ESPERA AI' QUE JA TE ARRANJO...



EU CA' POR NIM NAO ME VOU ABAIXO COM DUAS CANTIGAS...

COUTINHO - VAMOS A VER QUAL DOS DOIS FICA VERDADEIRAMENTE GAGO. NO 'FIXE' RECEBEM-SE APOSTAS - HA GRANDE ENTUSIASMO.

ATRACOU AO NOSSO 'PORTO'
UMA ESQUADRA FRANCESA - O 'FIXE' SAUDA-A COMOVIDAMENTE E NAO A CONVIDA PARA UM PORTO DE HONRA PORQUE LHE PODE FAZER MAL TANTO PORTO.



BOTELHO

GRANDE CONCURSO DE GALINHAS POEDEIRAS
NAO FALTEM VEXAS COMAS VOSSAS GALINHAS - OS PREMIO SAO MAGNIFICOS. GANHA O 1º PREMIO AQUELA QUE POSER MAIS OVOS NUM SEGUNDO. VEEM-SE AQUI ALGUMAS GALINHAS-METRALHADORAS



INAUGURARAM-SE AS REUNIOES DOS ASSISTENTES DO HOSPITAL ESCOLAR - NA PRESIDENCIA ESTAVAM REPRESENTANTES DA TERRA E SUA FAUNA E FLORA CONFORME BONECO ABAIXO.



NESTAS REUNIOES OS DRS. TEM POR FIM DEVORAREM-SE MUTUAMENTE
CHEGOU A LISBOA MAIS UM MATIAS
QUE VAI FAZER A TRAVESSIA DO ATLANTICO NUM BARQUINHO DESTES E QUE SE CHAMA 'AGA' - E ASSIM... NAVEGARA POR ESSAS AGAS POR...



UM MARINHEIRO FRANCÊS ADMIRANDO O PORTO DE LISBOA-



OS NOSSOS MARINHEIROS CONFRA-TERNISAM COM OS FRANCESES CO! GRANDE ENTUSIASMO - PONHAM OS LEITORES NA IDEIA DO QUE SERIA SE A ESQUADRA FOSSE DE FRANCESES -